

Entre narrativas e ensaios: a confluência de gêneros na produção literária de Leonardo Sciascia

Gisele Palmieri
UFRJ- CAPES
gmp80@yahoo.com.br

“La letteratura non è forse un’immensa
raccolta di malignità?”

Leonardo Sciascia

RESUMO: Considerado um grande crítico da realidade siciliana, Leonardo Sciascia produziu diversos ensaios e romances cujo objetivo era a revisão da situação de marginalidade de uma Sicília à parte do resto do país e do mundo. Do material ensaístico e do profundo conhecimento da história da ilha, surgem os seus ditos romances ensaio, narrativas ficcionais que, como Sciascia afirma, nascem não da pura representação, mas do que é “encontrado” na realidade, ou seja, de fatos que são o ponto de partida para a criação literária. Esses fatos dizem respeito àquilo que incomoda o autor, o “atraso” da ilha em relação ao restante da Itália e do mundo. É a partir dessa inquietação, que o já experiente ensaísta e crítico da problemática realidade insular parte para a representação; decide, então, realizar a tão necessária revisão dos problemas dessa região pelas lentes da ficção. Este trabalho visa mostrar como o autor, utilizando o gênero romance, objetivava provocar a mesma reflexão que os seus ensaios.

Palavras-chave: Ensaio. Ficção. Representação. Máfia. *Giallo*.

ABSTRACT: Considerato un grande critico della realtà siciliana, Leonardo Sciascia ha prodotto saggi e romanzi il cui obiettivo era la rivisone della situazione di marginalità di una Sicilia in disparte del resto del paese e del mondo. Dal materiale saggistico e dalla profonda conoscenza della storia dell'isola, sorgono i cosiddetti romanzi-saggio, delle narrative fizonali che, come lo stesso Sciascia afferma, nascono non dalla pura rappresentazione, ma da quello che viene “trovato” nella realtà, cioè, dai fatti che sono il punto di partenza per la creazione letteraria. Tali fatti riguardano quello che dà fastidio all'autore, l'arretratezza dell'isola per quanto riguarda il resto dell'Italia e del mondo. È a partire da questa inquietazione che il già esperiente saggista e critico della problematica realtà isolana parte per la rappresentazione; decide, dunque,

compiere la necessaria rivisione dei problemi di questa regione attraverso le lenti della finzione. Questo lavoro intende far vedere come l'autore, facendo uso del genere romanzo, voleva provocare la stessa riflessione dei suoi saggi.

Parole chiave: Saggio. Finzione. Rappresentazione. Mafia. Giallo.

ABSTRACT: Considered a great critic of Sicilian reality, Leonardo Sciascia produced several essays and novels that aimed to revise the situation of marginality of a Sicily apart from the rest of the country and the world. From his essays and his deep knowledge of the history of the island, his essay novels emerge, fictional narratives which, as Sciascia states, are born not from pure representation, but from what is "found" in reality, that is, facts as a starting point to literary creation. These facts are related to what bothers the author, the "backwardness" of the island compared to the rest of Italy and the world. It is from this concern that the experienced essayist and critic of the island's troublesome reality relies on representation: he decides to pursue the so needed revision of this region's problems through the fiction lens. This work aims to show how the author used the romance genre to provoke the same reflection as in his essays.

Keywords: Essay. Fiction. Representation. Mafia. *Giallo*.

Dos ensaios aos *gialli*

Os primeiros textos produzidos pelo ensaísta, político, romancista, jornalista e professor siciliano Leonardo Sciascia (1921-1989), entre 1950 e 1956, serão poesias, contos e ensaios. Entre esses, destacam-se os títulos *Favole della dittadura* (1950), reunião de poemas que, como as fábulas de Esopo, são protagonizadas por animais e encerram uma moral e *Pirandello e o pirandellismo* (1953), uma reunião de ensaios com o qual vence o prêmio Pirandello. Em 1958, publica três contos agrupados sob o título de *Gli zii di Sicilia*.

Ainda na década de 50 do século passado, lança *Le parrocchie di Regalpetra*, talvez a obra mais importante destes primeiros anos de produção literária de Sciascia. Título que consiste numa reunião de ensaios sobre a fictícia cidade de

Regalpetra, é nesta obra que ele inicia alguns questionamentos sobre a realidade siciliana, como a máfia, por exemplo, que serão recorrentes, posteriormente, em outros textos. A obra é considerada o livro-embrião, a gênese de todos os trabalhos posteriores do autor. “È stato detto che nelle *Parrocchie di Regalpetra* sono contenuti tutti i temi che ho poi, in altri libri, variamente svolto. E l’ho detto anch’io” (SCIASCIA, 1991, p. 11). Embora o autor advirta que todos os personagens e fatos presentes no livro são ficcionais, os problemas de Regalpetra se assemelham aos da Sicília. E é da Sicília que fala ao afirmar que : “Questo è un paese di mafia. Una mafia più di atteggiamenti che di fatti; benchè i fatti, anche se rari, non si può dire manchino, e nella specie di morti ammazzati.” (Ibid., p.134)

Mas não é apenas a máfia que o incomoda. Há também, no autor, uma grande inquietação com relação ao fascismo. Em entrevista a Marcelle Padovani, transcrita em *La Sicilia come metafora*, afirma: “Credo che, se sono diventato un certo tipo di scrittore, lo devo alla passione antifascista.” (Ibid., p.85) E foi a vivência dentro desse regime político, durante os seus primeiros vinte anos de existência, que o levou a ser contrário a qualquer forma de poder arbitrário e antidemocrático.

La mia sensibilità al fascismo continua a essere assai forte, lo riconosco ovunque e in ogni luogo, persino quando riveste i panni dell’antifascismo, e resto sensibile all’eternamente possibile fascismo italiano. Il fascismo non è morto. Convinto di questo, sento una gran voglia di combattere, di impegnarmi di più, di essere sempre più deciso e intransigente, di mantenere un atteggiamento sempre polemico nei riguardi di qualsiasi potere. (Ibid., p.85)

Sciascia chega a igualar ambos os regimes, no artigo “I professionisti dell’antimafia”, publicado no jornal *Corriere della Sera* em 10 de janeiro de 1987, ao afirmar: “L’idea, e il conseguente comportamento, che il primo fascismo ebbe nei riguardi della mafia, si può riassumere in una specie di sillogismo: il fascismo

stenta a sorgere là dove il socialismo è debole: in Sicilia la mafia è già fascismo.”
(SCIASCIA, 1987, on-line)

A sua inclinação a uma literatura de denúncia vem, então, ao encontro de seu posicionamento crítico a todas as formas de poder. E os poderes a combater por meio de seu engajamento literário são o fascismo, a máfia, a Igreja e alguns partidos políticos, algozes e antagonistas nas tramas de seus romances policiais.

***I gialli* (Os romances policiais)**

Leonardo Sciascia é considerado o autor que inaugura uma nova abordagem literária sobre a máfia, pois é “lo scrittore che più ampiamente ha esposto, narrato, descritto la mafia nelle sue opere...” (PIGNATARO, 2017, p. 24). Dentro do *archeion* (termo que segundo Maingueneau (2016, p. 61) denomina a característica que o discurso constituinte tem de ser o detentor da originalidade do saber, a fonte de onde serão retirados outros “múltiplos gêneros do discurso”) sobre a literatura italiana que aborda a organização criminosa, seu nome se destaca como o mais notável, tendo seu momento culminante ao publicar *Il giorno della civeta* (1961), o romance-referência de literatura sobre a máfia, pois é “il primo libro che organicamente ci spiega la mafia, la sua evoluzione, i suoi intrecci istituzionali e politici” (CRIACO, 2017, p. 26). Seu empenho em falar deste poder paralelo nascido na Sicília o destaca de uma maneira que o leva a ser considerado um mafiólogo, mas o ensaísta refuta o título por se considerar apenas um siciliano que tenta pensar a sua realidade.

Após vários ensaios publicados em jornais e compilados em obras, lançadas em sua maioria na década de 50 e 60 do século XX, serão os romances policiais *Il giorno della civeta* (1961), seguido por *A ciascuno il suo* (1966) que chamarão mais a atenção. O porquê de o autor resolver sair do campo textual mais objetivo, como

os ensaios, e enveredar pelo gênero ficcional inédito em suas memórias de tradições literárias não se trata de uma escolha aleatória. Nem mesmo uma maneira de conquistar leitores, no sentido comercial. O próprio nos esclarece a questão. Leonardo Sciascia, em entrevista a Walter Mauro (1970), acusou a existência, naquela época, de uma crise da narrativa, a qual suspeita ser provocada por escritores que, ou não sabem escrever, ou não têm nada a dizer. E para se afastar dessa crise, o autor utilizou a narrativa policial. Ele declara: “spesso anzi mi servo della tecnica narrativa in un certo senso più sleale nei riguardi del lettore, quella che impedisce al lettore di lasciare a metà un libro; la tecnica, voglio dire, del romanzo poliziesco” (MAURO, 1970, p. 2).

Utilizar o gênero policial é, pois, uma maneira de “agarrar” o leitor e fazê-lo ir até o fim da narrativa. No entanto, se o leitor espera a solução do crime e a punição do(s) culpado(s), pode se decepcionar ao verificar que nos epílogos dos romances não há castigo, muito menos um culpado para receber castigo. Como afirmou Ítalo Calvino, em uma carta datada de novembro de 1965, escrita após a leitura de *A cada um o seu*: “ho letto il tuo giallo che non è un giallo, con la passione con cui si leggono i gialli, e in più il divertimento di vedere come il giallo viene smontato, anzi come viene dimostrata l'impossibilità del romanzo giallo nell'ambiente siciliano” (SCIASCIA, 1988, p. 3). Deste modo, *O dia da coruja* e *A cada um o seu*, parafraçando Calvino, são dois romances policiais, que na verdade não são policiais, posto que a representação literária contida nestas obras pretende ser uma metáfora dos problemas criminais da Sicília. Portanto, como também acontece na vida real, nestas obras de ficção de Leonardo Sciascia, os crimes ficam sem a tradicional punição.

Para o linguista Maingueneau, alguns textos estão inseridos em um patamar de grandeza qualitativa, tornando-se o que ele denomina de arquitextos. Esses

possuem um status literário de grande importância, pois se inscreveram definitivamente no campo do saber literário. Não podemos dizer que Leonardo Sciascia foi a primeira pessoa a falar em máfia, a escrever e a produzir sobre o assunto. Mas, enquanto literata, os seus romances foram o arquetipo literário do discurso ficcional sobre a organização criminosa oriunda da Sicília. Tanto *Il giorno della civeta* quanto *A ciascuno il suo*, utilizando os títulos originais, são grandes textos que servem como referência para outros que serão criados, estudados, pesquisados a partir desses, pois adquiriram “o estatuto de inscrições definitiva” (MAINGUENEAU, 2016, p. 69).

Ao sair do campo ensaístico e se aventurar no campo da narrativa ficcional, Sciascia persiste na sua intenção crítica e se faz intelectual engajado. Busca a representação do real, sem firulas e subjetividades. Tenciona ser objetivo e o mais realista possível na sua escrita. O crítico literário Walter Mauro elucida este comportamento de Sciascia ao apontar que o autor prefere ‘noticiar’ a Sicília a fazer uma reflexão sentimental sobre esta. Ele indica que o escritor siciliano não faz da sua escrita um alento, um consolo para os males da ilha, mas sim, uma recusa, uma denúncia dos maus-tratos historicamente sofridos. (MAURO, 1970, p. 21) O crítico apresenta Sciascia como o herdeiro mais direto de uma cultura siciliana que sempre refutou polemicamente as escolhas românticas para orientar-se, ao contrário, sob a estrada objetiva da verdade e da realidade.

Tutta l'opera di Sciascia, nel suo integro aspetto globale, sia essa cronaca, poesia, saggio, racconto o romanzo, si muove al vivo di tali strutture definitive del vero e del reale, e proprio in virtù di tali posizioni e proposizioni morali e ideologiche, agisce in modo da offrire le connotazioni della verità non attraverso una operazione di fotografia naturalistica, magari con quel pizzico di psicologismo che tanto amarono gli scrittori del secolo scorso, ma sul filo di una resa totale della verità storica, di cui i materiali scelti e reperiti di continuo forniscono la misura e la genesi. Tale compito che lo scrittore siciliano si è assunto non è limitato e marginabile all'arco saggistico della sua produzione, come potrebbe apparire logico e naturale, ma si estende alla narrativa e in parte alle sue rare esercitazioni poetiche, sì

da offrire una materia saldata alle sue più rischiose giunture e lungo quei difficili confini che ancora oggi dividono chi dibatte sul romanzo d'invenzione e sul romanzo di idee (Ibid., p. 18).

Ao ser indagado por Walter Mauro se não achava que os ensaios ofereciam mais garantias que a narrativa, gêneros entre os quais o autor transitava, Sciascia afirma que o material com que constrói as narrativas é, na verdade, ensaístico, e a sua trama ficcional “assume i modi del racconto, si fa racconto.” (Ibid., p. 2). Afirma o autor que escreve partindo sempre de uma ideia que se desenvolve sob um esquema. E que ele pretende demonstrar algo partindo de um fato imaginado ou encontrado na história e nas crônicas. E que os fatos dos quais parte são ao mesmo tempo, um pretexto e um modo. Afirma Sciascia, que cada livro seu pretende ser um simples discurso sobre coisas “maledettamente” complicadas (Ibid., p. 1). E a simplicidade do discurso vem do fato, da história da qual ele parte.

O compromisso de Sciascia é, portanto, com a verdade e não com a imaginação puramente criativa. Sciascia faz de seus policiais romances-ensaios, narrativas que à maneira de seus próprios ensaios comunicam uma crítica, oferecem uma denúncia, chamam o leitor à reflexão e buscam difundir as ideias que promovam uma reflexão e um posicionamento crítico.

Considerações finais

Analisando essas palavras de Sciascia, é pertinente dizer que os fatos imaginados ou retirados das crônicas (possivelmente policiais e políticas) ou da história siciliana são pretextos, pontos de partida para uma análise mais profunda de aspectos sombrios daquela sociedade. E o melhor “modo”, para Sciascia, de contar histórias ficcionais de crime e (in)justiça era por meio do *giallo*, termo

correspondente a romance policial na Itália. O escritor enfrentou sua própria tradição ensaística ao usar o romance não como invenção pura, mas como uma criação a partir de fatos.

O compromisso do autor, como foi constatado após diversas entrevistas e publicações de estudos de suas obras, será com a verdade. A realidade, ainda que obscura e incômoda é, para Sciascia, a motivação para o exercício da escrita e a justificativa para seu engajamento literário. Refletindo sobre a função de escritor na entrevista dada a Padovani, ele afirma que seu ofício é o de representar a verdade e que este é o papel da verdadeira literatura. Ele alerta que não é o escritor filósofo nem historiador, mas é aquele que colhe intuitivamente a realidade. Tanto os ensaios quanto os romances, ambos os gêneros servem a apenas um intuito.

Toda a sua escritura põe-se a serviço da verdade. Sua fama de escritor pessimista, trazida pelas reflexões e indagações sobre a problemática realidade siciliana, à qual diz o autor ser semelhante à realidade de toda a Itália e Europa, é a qualificação da crítica a uma atuação literária que buscava revelar a verdade ao decifrar a realidade, ainda que tal verdade proporcionasse aos leitores o amargo dissabor de reconhecer-se nas páginas da ficção.

Referências

CRIACO, Gioacchino. Dalla letteratura al cinema: anime nere, una riflessione sulle diverse realtà di 'ndrangheta. Entrevista a Gioacchino Criaco. *Mosaico. L'impegno della letteratura. Comunità*. Rio de Janeiro, n.161, giugno, 2017.

FOUCAULT, Michael. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GEMELLI, M.; PIEMONTESE, F. L'invenzione della realtà: conversazioni su la letteratura e altro, In: PIGNATARO, Stefano. *Appunti su mafia e letteratura: da Sciascia a Pirandello, da Pasolini a Calvino. Mosaico. L'impegno della letteratura. Comunità*. Rio de Janeiro, n.161, giugno, 2017

MAURO, Walter. *Sciascia*. Firenze: La Nuova Italia, 1970.

PULEIO, Bernardo. *I sentieri di Sciascia*. Palermo: Kalós, 2003.

SCIASCIA, Leonardo. *A cada um o seu*. Trad. Nilson Moulin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. *A ciascuno il suo*. Milano: Adelphi Edizioni, 1988.

_____. *Il giorno della civeta*. Milano: Adelphi Edizioni, 1993.

_____. La Sicilia come metafora. Intervista di Marcelle Padovani. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1970.

_____. *O dia da coruja*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. I professionisti dell'antimafia. Milano, *Corriere della Sera*, 10 gennaio 1987. Disponível em: <http://www.archivioantimafia.org/sciascia.php>. Acesso em: 26/04/2018.